



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

A Propaganda da Ditadura: O futebol como propulsor do milagre econômico

João Victor Cruz Cunha

**Recife
2024**

João Victor Cruz Cunha

A Propaganda da Ditadura: O futebol como propulsor do milagre econômico.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura Plena em História do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) em História.

Orientador: Profa. Dra. Marcília Gama da Silva

Recife

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C972p Cunha, João Victor Cruz
A propaganda da ditadura: O futebol como propulsor do milagre econômico. / João Victor Cruz Cunha. -
2024.
27 f.
- Orientadora: Marcilia Gama da Silva.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2024.
1. Futebol. 2. Ditadura. 3. AERP. 4. Propaganda. 5. Médici. I. Silva, Marcilia Gama da, orient. II. Título

CDD 909



CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO DE TCC

João Victor Cruz Cunha

A Propaganda da Ditadura: O futebol como propulsor do milagre econômico.

Trabalho de conclusão de curso aprovado com nota 9,0 como requisito para conclusão da disciplina de TCC II, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof.(a) Dra. Marcília Gama da Silva _____ Nota: 9,0

Membro: Prof.(a) Dra. Giselda Brito da Silva _____ Nota: 9,0

Membro: Prof. Ademir Bezerra de Melo Junior _____ Nota: 9,0

Média das notas: 9,0

Recife, 01 de Março de 2024

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 A perspectiva do milagre	6
1.2. A Perspectiva do Chumbo	8
1.3 Propaganda militar	10
2. AERP E O FUTEBOL	11
3. FONTES TRABALHADAS: O USO DOS JORNAIS.....	15
4. RESULTADOS.....	17
4.1 O caso Pelé.....	17
4.2. Os grandes eventos: o caso da Semana da Pátria.	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	25

A Propaganda da Ditadura: O futebol propulsor do milagre econômico.

Resumo: O caminho vivenciado pela Ditadura Civil-militar (1964-1985) no Brasil é repleto de nuances e questões debatidas na historiografia. Dentro desse molde, o governo militar, de duração de 21 anos, vivenciou diversas contestações e propagandas, momentos favoráveis e desfavoráveis. Tomamos o futebol como aspecto central da análise do governo militar entre os anos de 1968 e 1972, é possível perceber o esporte enquanto elemento fundamental à compreensão da propaganda e do discurso ideológico construído pelos militares em torno do seu projeto político, desse modo, o trabalho da Assessoria Especial de Relações públicas (AERP), órgão de propaganda do governo, junto a Agência Nacional e o presidente, encontrou no esporte uma possibilidade de espalhar uma boa imagem e discurso nacionalista favorável ao regime.

Palavras-chave: futebol; ditadura; propaganda; AERP; Médici; repressão.

Abstract: The path experienced by the Civil-military Dictatorship (1964-1985) in Brazil have a lot of nuances and issues debated in historiography. Within this theme, the military government, which lasted 21 years, experienced several protests and propaganda, favorable and unfavorable moments. We take football as a central aspect of the analysis of the military government between the years of 1968 and 1972, it is possible to perceive the sport as a fundamental element in understanding the propaganda and the ideological discourse constructed by the military around the political project, in this way the work of the Special Public Relations Advisory (SPRA), a government propaganda body, together with National Agency and de president, found in sport a possibility of spreading a good image and nationalist discourse favorable for the dictatorship.

Keywords: Football; dictatorship, propaganda; SPRA; Médici; repression.

1.Introdução

O período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) é repleto de debates, singularidades e permanências no que se refere à historiografia sobre o tema e os diversos aspectos da opinião pública. Todos os processos políticos que conduziram até o golpe em 64 e também o período militar foram cercados de controvérsias e conflitos dentro do debate sobre a constitucionalidade do Estado de exceção¹ implantado pelos militares a partir do golpe e dos crescentes atos institucionais decretados durante o período.

Tomando esse recorte de duas décadas, os governos militares, além de lidar com os aspectos do jogo político, também precisaram administrar os ânimos populares e sua imagem de governo. Os casos de violência contra civis, prisões, violações dos direitos humanos, os protestos do movimento estudantil, greves de trabalhadores e passeatas como o cortejo na morte do estudante Edson Luís², são alguns exemplos de situações em que os militares, através do Estado de exceção instaurado, agiram de modo repressivo contra a população na manutenção do regime.

Sendo um período de muitas contradições, por conta da tensão de embates políticos com a oposição, se por um lado o governo perseguia seus opositores de forma implacável - torturando muitos em seus porões -, por outro vivenciava alguns momentos de popularidade e esperança em torno do governo, essa grande dualidade é mais evidente durante o governo Médici, período conhecido como os “Anos de Chumbo” e também o recorte em que ocorre o “milagre brasileiro” e o auge da popularidade dos governos militares.

1.1 A perspectiva do milagre

¹ AGAMBEN,2004, p. 13-21. Lê-se “Estado de Exceção” dentro da conceituação discutida por Giorgio Agamben, do modelo de Estado instaurado a partir da supressão de direitos e suspensão das normas democráticas em nome da segurança nacional ou para combate a determinada crise. Na Ditadura Militar, esse Estado de Exceção foi instaurado sob o pretexto de crise política no Brasil e “combate” ao Comunismo.

² Edson Luís foi um estudante secundarista assassinado pela Polícia em 1968 durante um protesto de estudantes. Tal fato desencadeou uma onda de protestos do movimento estudantil contra o regime.

“Como o regime durara tanto tempo sem viva alma que o apoiasse?”³, a citação acima é uma provocação feita pelo autor Daniel Aarão Reis Filho acerca da omissão dos apoiadores da Ditadura após o fim do regime, o autor questiona como um regime militar poderia se sustentar no poder por duas décadas sem apoio algum. Partindo dessa citação, é notória a perspectiva de que a manutenção do regime militar passou por diversos apoios expressivos e populares que contribuíram para sua duração, encontrando o seu auge no período do “milagre brasileiro”.

A perspectiva do milagre ajuda a pensar alguns dos motivos que ocasionaram tamanha popularidade, Gaspari (2002) nota que o período entre 1968 e o fim do governo Médici experimentou momentos de grande crescimento econômico, controle inflacionário e realização de grandes obras. Em 1969 o país conseguiu obter números expressivos no Produto Interno Bruto (PIB), com 9,5% de crescimento, as exportações obtiveram quase ¼ de aumento, a indústria estava em pleno crescimento e grandes obras como a rodovia Transamazônica eram representações do período desenvolvimentista no qual o Brasil vivenciava, com perspectivas de manutenção do desenvolvimento em 1970⁴.

É nesse contexto favorável em que os militares conseguiam levantar com imponência os discursos patriotas e ufanistas centrados na ideia do Brasil “grande” que estava efetivamente surgindo e tomando forma, ideal que reflete no prestígio do presidente Emílio Garrastazu Médici, que na época das comemorações dos 150 anos da Independência emplacou grande popularidade, Gaspari nota alguns dados importantes do período: 50% dos brasileiros acreditavam que sua vida estava melhorando, 70% viam o país com projeção de maior prosperidade em 1971 e o número de aparelhos de televisão quase triplicou⁵.

Esse momento de ânimo, da chegada do futuro glorioso pelo qual o Brasil estaria enfim destinado, era totalmente evidente durante o período, o que outrora era um regime militar alinhado ao sentimento “anticomunista” tornou-se uma ditadura totalmente impulsionada pela “grande euforia desenvolvimentista”⁶.

³ FILHO, 2013, p.219

⁴ GASPARI, 2002, p.214

⁵ GASPARI, 2002, p.213

⁶ CORDEIRO, 2015, p.324.

Portanto, o fenômeno econômico que acontece no país passa a ser também um acontecimento social, criando um ambiente, como afirma Carlos Fico, de “otimismo”⁷.

1.2. A Perspectiva do Chumbo

Tomando a visão dos “Anos de Chumbo”, entre o final do governo de Costa e Silva e o governo de Médici, é o período de maior intensidade na perseguição a opositores, com exílios, prisões e torturas. Em grande sincronia com o período do “milagre”, o recorte entre 1968 e 1972, representa o ápice dos pequenos movimentos de guerrilha urbana no Brasil, é durante esse período que ocorrem fatos como o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos, o assassinato de Marighela e uma sucessão de prisões, torturas e desmontes de movimentos de guerrilha urbana como o VAR-Palmares e o MR-8⁸.

Dentro do Brasil, durante o governo militar, o aparato repressivo institucionalizou-se desde os primórdios do regime com a criação do Sistema Nacional de Informações (SNI), órgão que traduz uma particularidade do governo militar brasileiro: O ato de sistematizar serviços de inteligência comandados por militares dentro do Estado brasileiro, em que uma enorme engrenagem do aparato repressivo foi gestada no governo e institucionalizada. Em relação ao SNI, o órgão de inteligência expandiu-se de modo notável entre os governos de Costa e Silva e Médici, garantindo um monopólio de informações internas nas mãos dos militares, uma Escola de Inteligência, sua presença nos ministérios e universidades e a capacidade de agir de modo autônomo, sem precisar da ajuda de outro órgão⁹.

A edição do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, tem papel essencial nesse processo. Sendo o ato institucional que concedia poderes quase absolutos ao

⁷ Carlos Fico, em “Reinventando o Otimismo”, coloca a propaganda da Ditadura Militar sob a perspectiva do objetivo dos militares em criar na população um sentimento de ânimo, de otimismo perante ao governo atual e ao caminho que o país está trilhando.

⁸ VAR-Palmares e o MR-8 eram dois dos movimentos de luta armada criados para combater a Ditadura, a maior parte desses movimentos contava com poucos militantes, que atuavam na área urbana juntando recursos através de roubos e assaltos. Com a intensificação da repressão, esses movimentos foram completamente destruídos pelo aparato do regime militar.

⁹ STEPAN, 1986, p.26-30.

presidente no âmbito legislativo, desde a suspensão do congresso, a possibilidade de cassar mandatos eletivos como também a suspensão de direitos constitucionais que afetem a liberdade de expressão¹⁰. Foi a partir do ato institucional 5 que o conceito de “Estado de Exceção” tornou-se mais forte no regime militar, com a presença de dispositivos que ultrapassam as linhas da legalidade e colocavam-se acima da justiça comum.

Entre os grandes apoiadores do ato institucional Nº 5 está Emílio Garrastazu Médici, então chefe do SNI durante o período de edição do ato, o general alegava que o texto do AI-5 era extremamente necessário para conter os movimentos “contra-revolucionários”, como aponta Gaspari, Médici via no AI-5 uma fonte de poder¹¹, visão que se reflete nos crescentes casos de tortura e perseguição em seu governo.

Com a posição favorável de Médici e órgãos de repressão autônomos, a denominação “anos de chumbo” não era por acaso, isso se reflete nos crescentes casos de torturas e mortes entre o final de 1968 e o início da década de 1970, que multiplicou-se¹². A tortura era parte do “currículo de formação dos militares”¹³, incorporada na formação dos quartéis como matéria essencial, métodos de tortura como o “pau de arara”, “choques elétricos”, “afogamentos” e entre outras lesões físicas e psicológicas ditavam o modus operandi das violações aos direitos humanos praticadas na ditadura.

Já em relação à censura, esta também se arrastou desde os primórdios do regime militar, partindo da perseguição contra periódicos que defendiam Jango no período do golpe e também outros jornais com posicionamentos críticos contra a ditadura, trabalho este que possui até um “manual de censura” que era seguido por delegados e oficiais, Gaspari nota como esses manuais tinham como objetivo evitar notícias e editoriais que prejudiquem a imagem do governo militar ou propiciem qualquer tipo de prática tida como subversiva¹⁴.

¹⁰ Ato Institucional Nº 5, de 13 de Dezembro de 1968. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm>

¹¹ GASPARI, 2002, p. 132-133

¹² GASPARI, 2002, p. 162. O autor relata o grande aumento nas denúncias de tortura aos tribunais militares.

¹³ ARNS, 1985 p. 28. Dom Paulo Evaristo Arns detalha como muitos presos eram utilizados como cobaias para aulas de tortura em sedes da Polícia do Exército.

¹⁴ GASPARI, 2002, p.215

Desse modo, como destaca Gama¹⁵, as notícias publicadas que envolviam o assassinato de opositores eram normalmente divulgadas sob a narrativa de que os mortos eram “subversivos” ou “terroristas”, sendo do interesse do governo que esse tipo de informação se mantenha em prol da ideia de que o regime militar estaria apenas combatendo inimigos do Brasil, sendo a Ditadura o agente mantenedor da paz no país.

1.3 Propaganda militar

Entretanto, não somente através da repressão e censura o regime militar trabalhava enquanto força dominante, dentro desse recorte, a discussão sobre como os militares lidavam a popularidade de seu governo é uma perspectiva interessante ao verificar de que modo o governo buscava aproveitar resultados positivos na economia através do seu trabalho com a imagem, tentando afastar a visão repressiva em torno do regime.

Um exemplo importante é o estudo de Carlos Fico sobre os órgãos de propaganda desenvolvidos, em que Fico detalha como os militares eram cuidadosos em relação a esse tipo de produção devido ao exemplo de outros regimes totalitários como o nazifascismo e o Estado Novo, buscando um afastamento do que era produzido nesses regimes.

Nesse contexto, é importante analisar o início da Assessoria Especial de Relações Públicas AERP¹⁶ a partir da década de 1970, capturando seus primeiros passos dentro do governo. O órgão foi criado já com o período militar em vigência, já se subentende uma possível falta de atenção envolvendo a propaganda, elemento abordado por Fico ao reforçar a inexistência de uma imagem formada do governo.

Com a fundação da AERP, vários eixos temáticos de propaganda foram produzidos, desde os filmes veiculados na televisão aos eventos organizados, sempre com um trabalho “apolítico”, tentando fugir do personalismo presente em outros regimes totalitários. Entre esses temas interessantes para o trabalho da

¹⁵ GAMA, 2007, p.220

¹⁶ A Assessoria Especial de Relações Públicas foi um órgão criado em 1968 com o objetivo de definir o modo de propaganda governamental a partir das diretrizes da Ditadura Militar.

AERP está o futebol, que durante o período militar viveu um grande auge no Brasil na década de 1960/70 a partir dos resultados da seleção de futebol durante os mundiais disputados.

Partindo dessa perspectiva, o tema proposto para análise é o trabalho do governo junto à Assessoria Especial de Relações Públicas durante a ditadura militar entre o período de 1968 e 1972, tendo como recorte principal as propagandas e eventos produzidos utilizando o futebol. A partir dessa premissa, busca-se analisar, a partir da pesquisa qualitativa de periódicos da época e alguns vídeos, a perspectiva ideológica do governo e o futebol enquanto esporte de massas sendo utilizado dentro da propaganda governamental.

Tomando principalmente a análise dos eventos produzidos pela AERP sob o comando do coronel Otávio Costa, o objetivo é analisar com quais intenções e perspectivas o governo militar - principalmente no período Médici -, aproximou-se do futebol e aproveitou seu momento favorável enquanto fenômeno de extrema popularidade no país, buscando traçar um panorama do contexto que a sociedade brasileira vivia durante o período a partir da análise do esporte.

2. AERP e o futebol

A Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) foi idealizada pelo Coronel Hernani d'Aguiar¹⁷ a partir de um grupo de trabalho feito para pesquisar formas de melhorar a imagem do governo militar, após esse grupo é que foi criada a AERP pelo decreto de nº 62.119 de 15 de janeiro de 1968, junto a algumas outras alterações envolvendo o gabinete da presidência, já em decreto, em que informa sobre a criação da Assessoria é feita “para assessorar o presidente nos assuntos de comunicação social”¹⁸.

O termo “comunicação social” é frequente nas descrições e entrevistas dos comandantes da AERP para afastar o que fora citado anteriormente, como os

¹⁷ FICO, 1997, p. 90. O Coronel Hernani d'Aguiar era amigo e chefe de escritório do então presidente Costa e Silva e idealizou a AERP após realizar um curso de Relações Públicas na PUC- RJ.

¹⁸ Decreto 62.119 de 15 de Janeiro de 1968. Disponível em <[11](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D62119.htm#:~:text=DECRETO%20No%2062.119%2C%20DE%2015%20DE%20JANEIRO%20DE%201968.&text=Altera%20os%20Decretos%20ns.,Civil%20da%20Presid%C3%Aancia%20da%20Rep%C3%ABlica.>></p></div><div data-bbox=)

exemplos do nazifascismo e do Estado Novo de Getúlio Vargas que traziam uma desconfiança na criação de uma agência para administração da propaganda governamental. Outro exemplo é uma entrevista do diretor Otávio Costa, sucessor de Hernani, ao Jornal do Brasil, nela, a propaganda é tratada como uma “política de comunicação social”.¹⁹ O diretor insiste numa linguagem mais branda, definindo o órgão como um mero trabalho de comunicação, apoiado na ideia de afastar-se da imagem de um DIP.²⁰

Esse aspecto é importante para capturar os objetivos traçados para a organização, que giram em torno dessa linha mais genérica e ampla de abordagem, eufemismos como “relações públicas” ou “comunicação social” eram frequentes desde o início do órgão, entretanto apenas com o sucessor Otávio Costa - que assumiu após o início do governo Médici é que a AERP passaria de fato a estabelecer objetivos e modos de trabalho mais concretos e eficazes, definindo uma linguagem mais sutil dentro dos filmes veiculados na televisão e eventos organizados.

A sutileza é um elemento interessante dentro do trabalho da Assessoria, Otávio Costa não traça objetivos concisos que envolvam exatamente a figura do então presidente, mas sim parte para uma retórica mais geral e de certo modo mais emotiva, como por exemplo, ao afirmar a pretensão de “captar os interesses e aspirações do povo brasileiro” e seguir “integrando o Brasil e fortalecendo-lhe a coesão nacional”,²¹ buscando como instrumentos a “conduta do governo, a sua verdade” com outras missões como “motivar a vontade coletiva para o esforço nacional de desenvolvimento” e “contribuir para o prestígio internacional do Brasil”.²² Otávio Costa, na mesma entrevista ao Jornal do Brasil em abril de 1970, período em que o Brasil vivenciava o auge da repressão, recorre a termos como “direitos humanos”, “liberdade de expressão” e “ordem jurídica” ao abordar os princípios do órgão do governo.

Outro aspecto importante é uma descrição feita pelo chefe da AERP de como seria a personalidade do brasileiro, definindo-o como um indivíduo

¹⁹ Jornal do Brasil, 29.07.1970

²⁰ O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) foi um órgão criado em 1939 durante o Estado Novo de Vargas. O DIP tinha como função o trabalho de propaganda do governo de Vargas e também de censura.

²¹ Jornal do Brasil, 29.07.1970

²² Jornal do Brasil, 24.04.1970

extremamente “crítico”, religioso, com gosto pelo musical e também pelos esportes, Esse trecho da entrevista de Otávio Costa é interessante para observar como o chefe do órgão efetivamente leva em consideração a presença dos esportes e principalmente o futebol na vida do brasileiro, trazendo essa abordagem para sua política de ‘comunicação social’.

Deste modo, a AERP iniciou o seu trabalho de propaganda coincidindo com a presença de inovações tecnológicas no Brasil, como em Vargas era o rádio o meio de comunicação em alta, no caso do regime militar a televisão estava cada vez mais ocupando espaço nas residências do brasileiro. A TV em si já não era uma grande novidade, a tecnologia estava presente no país desde a década de 1950, entretanto é a partir dos governos militares com a criação da Embratel que efetivamente a televisão irá se tornar o principal meio tecnológico de comunicação no país.

Esse processo de modernização foi mais acelerado durante o governo Médici, com a chegada da Copa do Mundo de 1970, realizada no México, o então presidente garantiu que ocorreria a transmissão das partidas em tempo real através da televisão,²³ realizando investimentos públicos na aquisição dos direitos de transmissão, na modernização do sinal via satélite e isentando emissoras no imposto sobre compra de equipamentos importados.²⁴

Com isso, a televisão passou a ser um dos principais símbolos do ideal patriótico de integração nacional defendido pela Ditadura,²⁵ a AERP passou a veicular sua “comunicação social” através da televisão, com a produção de mini filmes em parceria com o Ministério da Educação e Cultura. O órgão concentrava sua divulgação através do vídeo, evitando ao máximo vincular suas produções nas revistas e jornais, Fico aponta esse movimento como uma alternativa da AERP para evitar uma linguagem centrada na propaganda, algo que poderia ocorrer em linguagens fora do vídeo.²⁶

E a abordagem em torno do esporte não é um elemento que se restringe a AERP, o próprio presidente Médici era admirador assíduo de futebol, desde que

²³ MAGALHÃES, 2013, p. 100-101. A autora define esse momento da transmissão da Copa de 1970 como o início do futebol enquanto “espetáculo midiático”.

²⁴ GASPARI, 2002, p.219.

²⁵ FONSECA, 2014 p.98. O autor cita entrevista de 1971 do proprietário da Globo, Roberto Marinho, em que cita o papel dessa emissora no dever de “integração nacional”

²⁶ FICO, 1997, p.110-111

assumiu em 1969, procurou aproximação com o esporte brasileiro, principalmente com o futebol, elemento que procurou agregar à sua imagem. Gaúcho e torcedor do Grêmio, Médici também alegava ser torcedor do Flamengo, clube de maior popularidade na época, numa clara manobra para ganhar simpatia, movimentos esses que se estendiam nas suas frequentes idas aos estádios, seu principal passatempo, como em uma pequena - e quase romântica -, matéria do *Jornal dos Sports* com o sugestivo nome “A alegria do presidente” em que detalha ida de Médici ao estádio do Maracanã para assistir a um jogo do Fluminense, a tribuna também contava com a presença do chefe “tricolor” Otávio Costa.²⁷

Essa atenção da Assessoria e do presidente ao futebol não é por acaso, durante o período, o esporte encontrou um grande auge de popularidade entre os brasileiros. Outrora um esporte de “elite” no início do século XX, o futebol começou a se popularizar entre operários e ganhar relevância, consolidando seu espaço a partir da década de 1930 como um fenômeno de massas integrado a “identidade nacional”, fama essa que também foi aproveitada por Getúlio Vargas durante seu primeiro governo.²⁸

As razões pelo qual o esporte tomou essa grande relevância no país podem levar a discussões sociológicas que não sejam tão pertinentes ao tema, entretanto a perspectiva pelo qual o futebol é tomado na abordagem do governo militar é um elemento interessante a se adicionar. Roberto Damatta coloca sob essa visão a ideia de que através do futebol o povo pode efetivamente “juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino, as cores nacionais)”,²⁹ em que o esporte consegue fazer com que a sociedade esteja mais próxima do Estado brasileiro enquanto representação patriótica.

Com isso, é importante destacar o futebol enquanto aspecto integrado à cultura brasileira, Roque de Barros Laraia descreve como a cultura é ligada a um conjunto de valores, comportamentos e heranças que condicionam a visão de mundo de determinado indivíduo, fazendo com que o mesmo objeto ou tema possa ter significados diferentes a partir da cultura do indivíduo.³⁰ Para o caso

²⁷ *Jornal dos Sports*, 22.12.1970.

²⁸ Denaldo Alchorne, em “O Brasil entra em campo”, analisa esse aspecto do futebol e sua relação com Vargas e sua popularização na sociedade.

²⁹ DAMATTA, 1994, p.17.

³⁰ LARAIA, 2008, p.68-69.

brasileiro, relacionando com Damatta, a popularidade do esporte condiciona a visão do brasileiro em torno do significado dos símbolos do Estado Nacional, atribuindo novas perspectivas.

Nesse aspecto, Damatta reforça como o futebol se mistura com ideais e dramatiza algumas características da sociedade brasileira, a coletividade presente no jogo de equipe da Seleção Brasileira e a dinâmica do coletivo que alcança grandes vitórias é um elemento explorado dentro da ideia ufanista do “Brasil grande” ou do “Brasil destinado a glória ou prosperidade”. Nesse contexto, o futebol passa a ser um elemento importante da “comunidade imaginada”.³¹

Esse ideal ufanista e romântico do brasileiro mistura-se com muito do que a AERP delimita como objetivo dentro do seu modo de trabalho de incentivo ao coletivo, com o propósito de apaziguar e mobilizar a população de acordo com as intenções da Ditadura. Esses objetivos são apoiados nos conceitos que envolvem o destino de modernização e grandeza da nação, noções que, como comenta Fico (1997), não foram criadas pelos militares, mas sim reaproveitadas de “um vasto material histórico” presente em período como o Estado Novo e nos estudos de autores como Gilberto Freyre.³² Tal modo de abordagem na política de “comunicação social”, com esse caráter nacionalista, fugindo do personalismo e recorrendo aos eufemismos e produções mais sutis foram o modo pelo qual o governo militar encontrou durante o período para fazer propaganda, mas “sem fazer propaganda” de modo oficial.

3. Fontes trabalhadas: O uso dos jornais.

Deste modo, os periódicos se posicionam como fontes interessantes para traçar um panorama de como se sucederam as atividades realizadas pela ditadura em torno da propaganda, como explica a autora Tania Regina de Luca (2008), há necessidade de questionar os motivos os quais o periódico preocupou-se em noticiar determinado fato,³³ refletindo acerca de como as

³¹ O conceito de “Comunidades Imaginadas” está no livro de Benedict Anderson de mesmo nome, utilizado no trabalho a conceituação para descrever o futebol enquanto elemento integrador da noção de “Comunidade” expressa por Anderson na obra, como essa ligação de irmandade.

³² FICO, 1997, p.33-37.

³³ LUCA, 2008, p. 140

mídias no Brasil foram sufocadas pelo sistema de censura instaurado no país. Serão utilizados para análise as manchetes dos periódicos Jornal do Brasil e Jornal dos Sports, analisando o modo de veiculação das notícias e principalmente o conteúdo presente nas chamadas,

Para realização dessa análise, é de valor considerar como viveu a mídia jornalística nos tempos de repressão? Desde o golpe de 1964, vivenciou-se um período de caça aos jornais que pudessem apresentar qualquer crítica considerada subversão ao regime recém instaurado, como no caso do jornal Última Hora que, após editorial apoiando João Goulart em 1964, teve suas sedes em Recife e no Rio de Janeiro depredadas³⁴. Como mencionado anteriormente, o objetivo geral dos militares era evitar notícias que pudessem prejudicar a imagem do governo, a partir do AI-5 esse sufocamento à mídia passou a ser mais forte.

A diferença entre esses dois momentos - antes do AI-5 e depois do AI-5 - está na intensidade da censura, durante os governos de Castello Branco e Costa e Silva ainda preservou-se uma certa “liberdade”.³⁵ Durante o período diversos periódicos como o próprio O Globo e o Jornal do Brasil apoiaram a deposição de João Goulart, como a exemplo de editorial do Jornal do Brasil no dia 1º de Abril de 1964 em que trata Jango como um falso legalista, reforçando que a real legalidade está no lado dos militares, que irão restaurar a “ordem” no Brasil.³⁶

Já após o AI-5 essa “liberdade” e “apoio” são suprimidos pela grande movimentação da máquina repressora contra os grandes jornais da época, o mesmo Jornal do Brasil sob direção de Alberto Dines, durante o período, desenvolveu estratégias para enganar os censores como, por exemplo, a mensagem subliminar na previsão meteorológica: “Tempo negro. Temperatura sufocante, o ar está irrespirável, o país está sendo varrido por fortes ventos”.³⁷

De modo geral, não houve um periódico de grande relevância que movimentou todo o seu editorial em um posicionamento contra a ditadura, tendo em vista o grande aparato repressivo institucionalizado que os militares possuíam, todo e comportamento tido “subversão” era prontamente reprimido.

³⁴ GASPARI, 2002, p.215

³⁵ GASPARI, 2002, p.215-216. Elio Gaspari chama essa abordagem de “ambígua”, no qual a censura ocorre, porém dá algumas margens para as publicações, aspecto que deixa de ocorrer após o AI-5.

³⁶ Jornal do Brasil, 01.04.1964.

³⁷ GASPARI, 2002, p. 218.

Portanto, os posicionamentos se alternavam dependendo do momento, com grandes apoios e engajamentos com o governo ou então em pequenas estratégias para driblar a repressão e realizar críticas.

O caso do Jornal dos Sports³⁸ é mais simples: por ser um veículo direcionado exclusivamente para notícias esportivas e outros temas de variedades em outros cadernos - como educação e arte, por exemplo -, o Jornal não se encontrou dentro de um posicionamento contra a ditadura. Na época, comandado por Mário Filho, o jornal, no 1º de Abril, não fez qualquer tipo de menção à movimentação dos militares nem algo sobre o tema. A primeira menção ao termo “revolução” ocorreu apenas no dia 8 de abril, ao abordar o azar da ida do artista “Demétrio” ao Rio de Janeiro na semana da revolução, dificultando seu trabalho no local³⁹.

Vendo a pouca necessidade de fugir da repressão, a perspectiva do Jornal perante o governo militar mostra-se mais colaborativa, como por exemplo, na parceria na comemoração da “Semana da Pátria”, em que o periódico se compromete na divulgação e apoio das comemorações da Independência em eventos esportivos⁴⁰.

Considerando essas informações, o que será visto nas manchetes envolvendo a abordagem do governo e mais especificamente da AERP perante o futebol não tem uma linguagem crítica com o fato de que o governo e seus agentes estão utilizando o futebol como propaganda auxiliar do regime e de seus objetivos, é mais uma abordagem que repassa as notícias ou apenas traz os argumentos da ditadura dentro do debate até pelo grande aparato repressivo e vigilante pelo qual os periódicos eram submetidos.

4. Resultados

4.1 O caso Pelé

³⁸ O Jornal dos Sports é um periódico carioca fundado por Argemiro Bulcão na década de 1930 com o objetivo de ser um diário para notícias esportivas em geral.

³⁹ Jornal dos Sports, 08.04.1964.

⁴⁰ Jornal dos Sports, 17.07.1970.

Um dos elementos principais no trabalho do governo federal é o uso da imagem,⁴¹ os jogadores mais famosos da década de 1970 eram frequentemente vinculados a eventos, homenagens e participação de campanhas dos mais diversos temas. Dentre os atletas, o nome mais procurado é o de Pelé, então jogador do Santos e líder da seleção brasileira tricampeã em 1970. Com frequência Pelé aparece em uma sucessão de eventos, homenagens e celebrações organizadas pela AERP ou convocadas pelos presidentes Costa e Silva e Médici. Para o caso do rei, serão citados quatro exemplos: um de campanha comunitária e outros três de eventos.

Os objetivos eram os mais variados, desde o reconhecimento de conquistas esportivas do jogador até a participação em campanhas comunitárias do governo, como é o caso do primeiro exemplo, em que uma carta enviada pelo ministro Jarbas Passarinho para o craque santista convidando-o para fazer a narração de filmes organizados pela AERP referentes a uma campanha contra as drogas feita pelo MEC, com a justificativa de que Pelé seria figura de grande prestígio ao povo.⁴²

Aliado a isso, o “prestígio” de Pelé não era aproveitado somente nas campanhas de cunho comunitário, a participação de eventos também tinha sua frequência, um caso marcante logo ao início do mandato de Médici foi um convite feito para que o jogador do Santos fosse à Brasília participar de uma cerimônia de homenagem ao seu milésimo gol, a visita foi documentada em vídeo pela Agência Nacional e veiculada nos cinejornais, em que Médici é posto como um “entusiasta do esporte”.⁴³

Outro material produzido pela Agência Nacional em 1968, o qual exemplifica o uso do futebol âmbito diplomático, nesse em questão aborda a presença da então Rainha Elizabeth em visita ao Brasil, detalha-se um jogo realizado no Maracanã - com a presença do Pelé - entre as seleções paulista e carioca que teve a presença da Rainha nas tribunas do estádio. O evento contou

⁴¹ FOUCAULT, 2000. p.174-177. Sobre a questão do “uso da imagem”, emprega-se esse termo com a intenção de sinalizar esse “uso” enquanto expressão de poder. Desse modo, utilizando Foucault, pensa-se esse conceito como um elemento que pode ser expresso em áreas além do Estado e portanto, considerando o poder como aspecto além das instituições e expresso também na cultura e nos âmbitos sociais, o futebol estaria incluído nesse aspecto e suas imagens de grande influência seriam expressão de poder além das instituições e por muitas vezes utilizado por elas.

⁴² Jornal do Brasil, 13.04.1971

⁴³ Agência Nacional, 1969.

com homenagens e saudações à governante inglesa, e, ao final da partida, os jogadores Gérson e Pelé receberam a taça da rainha e cumprimentos⁴⁴.

Já o quarto e último exemplo envolve a organização de um jogo festivo entre a seleção brasileira titular e reserva no Maracanã. Antes de começar a partida, ocorreu uma cerimônia para comemoração do aniversário da “revolução” de 1964. Contando com a participação de Jair Rodrigues, Elisete e com o craque Pelé hasteando a bandeira. O evento teve a presença do diretor da AERP Otávio Costa, o órgão foi responsável pela organização do show pré-jogo.⁴⁵

Somente com a figura do Pelé é possível traçar a aplicação prática de muitos dos objetivos delimitados pela AERP ao redor do governo militar, o caso da presença da Rainha Elizabeth no Maracanã para acompanhar uma partida de futebol mistura-se com a aplicação de um esporte popular como o futebol para ajudar no “prestígio internacional” do Brasil, transformando o maracanã também em um palco diplomático buscando alinhar relações entre países.

Além das relações diplomáticas, os elementos internos de trabalho da AERP e do governo no geral são demonstrados nos outros exemplos a partir do foco em se aliar a figuras populares que não possuem raízes na política brasileira para fortalecimento de suas pretensões. A situação da ida de Pelé a Brasília é um claro exemplo de sinalização do então presidente Médici de que o governo iria se aproximar do esporte e tentar colher frutos a partir desse fenômeno e explorando imagens com forte apelo popular como o caso do craque santista.⁴⁶

O caso do governo e sua presença assídua no campo futebolístico misturam-se também - como fora brevemente citado anteriormente -, com o reforço dos símbolos nacionais vigentes dentro dos ideais governamentais. O evento no Maracanã em comemoração ao aniversário da “Revolução de 64” ilustra claramente esse aspecto buscando fazer do futebol - que naturalmente já poderia ser um elemento que incita o nacionalismo com seu poder massivo - o símbolo nacional de modo oficial enquanto propaganda de governo. Apesar do tal distanciamento personalista proposto pela AERP, o evento organizado pela mesma é um claro exemplo da “propaganda, sem dizer que é propaganda” no

⁴⁴ Agência Nacional, 1968.

⁴⁵ Jornal do Brasil, 31.03.1970

⁴⁶ CHAIM, 2014, p.70. Aníbal Chaim cita matéria na Gazeta Esportiva em que Médici é citado como “presidente-torcedor”

qual se celebra a presença dos militares no poder enquanto símbolo patriótico, buscando modos de legitimar o Estado de Exceção então instaurado.

Com o jogador sendo o grande nome esportivo do Brasil na década de 1960, a sua imagem já é capitalizada nos primeiros passos do governo Médici, esse elemento vai se acentuar na década de 1970 com o sucesso da Seleção Brasileira na copa do mesmo ano, no México. Com o país em festa, embalado em seu projeto desenvolvimentista, encontrando o auge do “milagre”, os primeiros anos da década de 1970 serão de grande interesse da ditadura não somente na figura de Pelé, mas também no futebol.

4.2. Os grandes eventos: o caso da Semana da Pátria.

Outro carro-chefe da AERP e do governo militar é a celebração da “Semana da Pátria”, período da primeira semana de setembro em que se celebra a Independência do Brasil com a organização de eventos comemorativos pelo país. As comemorações contavam com eventos religiosos, desfiles e entre outras cerimônias espalhadas pelo país. Durante a Ditadura Civil-militar, a Semana da Pátria foi de grande importância para a divulgação do regime, no contexto do “milagre brasileiro” as comemorações eram importantes para reforçar o clima de ânimo no país e impulsionar o ideal de “Brasil Grande”.

Um exemplo disso é uma entrevista de Toledo Camargo, um dos Assessores da AERP, refletindo outro alinhamento das diretrizes do órgão: o ideal de “união” do país. O assessor aborda os planos da AERP em torno da semana da pátria, reforçando a data da Independência do Brasil como uma “festa popular” e convocando a população para um “buzinaço” a partir das 17 horas do dia 7 de setembro de 1970, justificando o pedido de barulho nesse horário por uma suposta apuração de que o “grito da independência” em 1822 ocorreu por volta deste horário. Além do grande evento, programa-se uma mensagem transmitida via televisão pelo presidente Médici, com o objetivo de reforçar esse caráter de união do povo brasileiro.⁴⁷

Na Semana da Pátria, o futebol e o esporte no geral também eram aproveitados para a realização de celebrações e organização de eventos. Eram

⁴⁷ Jornal do Brasil, 30.07.1970

frequentes os casos de propagandas com jogadores, eventos em estádios de futebol ou então a realização de jogos de outros esportes em consonância com os propósitos da ditadura.

Desse modo, há casos de apelo ao uso das personalidades mais influentes dentro do futebol para espalhar a palavra da AERP, como é o caso de uma chamada no Jornal do Brasil tratando do trabalho da Assessoria Especial de Relações Públicas na organização e divulgação das festividades da Semana da Pátria, durante a matéria, cita-se a veiculação nas rádios de gravações de grandes jogadores brasileiros como Everaldo, Tostão, Gérson e Rivelino fazendo convite para que a população participe das comemorações.⁴⁸

O sucesso da seleção em 1970 era fator central para o aproveitamento por parte do governo, somado a esse tipo de divulgação com os jogadores, uma arma fortíssima da ditadura é a organização de eventos. Um exemplo é a organização do “jogo da gratidão” entre Brasil e México, um amistoso organizado pela CBD em parceria com Otávio Costa e a AERP no dia 27 de setembro de 1970. O amistoso foi agendado com o objetivo de agradecer ao México, sede da copa de 1970, pela recepção à seleção na Copa do Mundo e também celebrar o tricampeonato. A partida contou com a presença do presidente Médici, que entregou a “Taça da Amizade” ao Brasil, que saiu vencedor do amistoso.

Contudo, o maior e mais claro exemplo é o caso da Taça Independência, orquestrada em 1972, no aniversário de 150 anos da Independência do Brasil, um projeto ambicioso da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) de organização de uma “mini copa do mundo” que iria reunir as principais seleções de futebol do mundo. O torneio já era planejado desde 1970 após o sucesso da seleção brasileira com o tricampeonato mundial e retirado do papel em 1971 após autorização da FIFA para sua organização.

Embalado pelo prestígio da seleção, a “mini-copa” foi criada com a ideia de ser realizada como uma celebração nacional do sesquicentenário, para João Havelange,⁴⁹ comandante da CBD, era uma boa oportunidade para ganhar força dentro de sua campanha para se tornar presidente da FIFA, já dentro dos moldes

⁴⁸ Jornal do Brasil, 15.08.1970

⁴⁹ João Havelange foi um ex-atleta, dirigente esportivo e presidente da Confederação Brasileira de Desportos entre 1958 e 1975, comandando a organização no ápice do sucesso futebolístico brasileiro durante esse período.

do governo, a Copa Independência ancorada justamente num ideal que fora citado anteriormente ao tratar dos objetivos da AERP e os investimentos na televisão: o de Integração Nacional.

A noção do “Brasil grande”, elemento refletido nas grandes obras empreendidas no período de crescimento econômico, sempre contou com o futebol como modo de representação desse modelo de Brasil vitorioso, com o título mundial, esse símbolo estava mais forte que nunca, sendo materializado na criação desse torneio.

A inspiração integracionista era levar o torneio internacional ao máximo de locais possíveis no Brasil, a ideia empreendida pelo então presidente da CBD João Havelange era a organização de um torneio nos moldes da Copa do Mundo que fosse realizado nas 5 regiões do Brasil e com transmissão televisiva em cadeia nacional. Para isso, realizou-se grandes investimentos na construção ou reforma de estádios espalhados nessas regiões, apenas o Maracanã e o Mineirão eram os únicos estádios prontos, o restante foi construído ou reformado.

Na tentativa de cumprir os objetivos primários de organização do “mini-mundial” Havelange realizou uma verdadeira missão internacional pela Europa para conversar com federações de países como a Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália, tentando costurar maneiras para que essas seleções participem da Taça Independência, entretanto, devido ao calendário de jogos em outros torneios internacionais, os convites aos poucos foram recusados por praticamente todas as seleções européias, apenas participando Escócia e Portugal, aspecto de certo modo frustrante para os planos megalomânicos de Havelange.

Contudo, o torneio conseguiu ter um bom número de países participando, com 20 ao total e sendo realizado entre junho e julho de 1972, o presidente da CBD, apesar de lamentar a ausência das grandes seleções campeãs do mundo, defendeu o torneio como o “evento principal” das festividades do aniversário de 150 anos da Independência.⁵⁰

A “mini copa” do mundo enfrentou alguns problemas envolvendo o pouco público nas fases iniciais, os estádios começaram a lotar efetivamente a partir

⁵⁰ Jornal dos Sports, 04.03.1972

das fases finais com o Brasil em campo, a seleção - já sem Pelé, aposentado -, conseguiu chegar à final para enfrentar Portugal. Com a pouco surpreendente presença do presidente Médici nas tribunas, a seleção acabou se saindo vencedora no Maracanã, recebendo a taça do presidente.

Dentre os argumentos em defesa da realização do torneio, Havelange embarcou no discurso de integração ao fazer tanto a análise pré copa como também sua perspectiva após o torneio, em matéria no *Jornal dos Sports* com o sugestivo nome: “Taça Independência: Integração pelo Futebol”, o presidente da CDB é objetivo ao afirmar que o torneio pode servir enquanto elo para a integração do país a partir de sua organização em todas as regiões com país com a presença de seleções estrangeiras, algo benéfico para um país em desenvolvimento como o Brasil.⁵¹

Já em seu panorama geral após o fim do torneio com o título da seleção brasileira, Havelange, entre elogios à logística do torneio, partidas, arbitragem e agradecimento a políticos, reforça o ideal de integração nacional, em uma declaração apaixonada, o presidente da CDB afirma que a Taça da Independência mostrou ao mundo como o brasileiro vive “amalgamado com todos os tipos de raças, credos religiosos e ideologias, onde todos vivem felizes”.⁵² Esse trecho em específico sintetiza a utilidade do futebol ao governo para tentativa de pintar um ambiente unido e pacífico dentro de um Estado de Exceção rondado por denúncias de violações dos direitos humanos.

Além das intenções apresentadas na declaração de Havelange, esse trecho também resgata um aspecto da ditadura: o reaproveitamento de teses e perspectivas de Brasil formadas durante as décadas anteriores ao regime, como é o caso do ideal de Democracia Racial defendido por Gilberto Freyre e emulado pelo então presidente da CBD em entrevista.

O exemplo da Copa do Sesquicentenário é marcante para demonstrar como metaforicamente o futebol pode traduzir o sentimento de ânimo vivenciado durante o mandato de Médici, a vivência das comemorações dos 150 anos da independência no geral e a mini-copa em específico representa a síntese do auge da ditadura militar. O futebol em si não é razão de popularidade, mas dentro

⁵¹ *Jornal dos Sports*, 06.06.1972

⁵² *Jornal do Brasil*, 18.07.1972

desse contexto é talvez o principal exemplo do sentimento otimista presente no Brasil, o sucesso internacional da Seleção remonta ao que foi destacado por Damatta (1994) acerca do ideal de grandeza do Brasil, o sucesso, sendo a metáfora do que a Ditadura almejava ter como imagem durante o período: projetar-se enquanto a solução para os anseios de grandeza brasileira.

5. Considerações finais

Dentro desses aspectos estudados, notam-se as diversas perspectivas que podem ser tomadas partindo desse mesmo recorte, desde as repressões ao ânimo desenvolvimentista. A mistura dessas duas perspectivas é fundamental para que se passe a enquadrar o futebol nesse processo, sendo um aspecto que envolve um jogo de forças o qual pode vivenciar outros usos do esporte além do que fora abordado neste artigo por meio da abordagem governamental.

Representando um fenômeno de massas dessa magnitude e com grande relevância no modo de trabalho das propagandas, é uma perspectiva simplória tomar um futebol enquanto um mero caso de manipulação por parte do governo, as forças pró-ditadura utilizaram desse esporte por ver uma oportunidade de expandir seu prestígio perante o povo, porém o próprio esporte também foi utilizado para contestação do governo, como é o caso da democracia corintiana.

Pensando por essa visão, é necessário reconhecer que as dinâmicas envolvendo os eventos e personalidades dentro do esporte e do governo participaram de um contexto envolvendo os seus diferentes interesses, como é o caso de João Havelange, que cooperando com o governo para conseguir realizar seus projetos, buscava se tornar presidente da FIFA nas eleições da entidade em 1974. O caso Pelé é também notável, o Rei do futebol, participante dos eventos do governo e com uma posição cooperativa perante a ditadura, anos mais tarde faria campanha pelas “diretas já”, se posicionando a favor da redemocratização.

Portanto, tratar o futebol como uma mera ferramenta de trabalho dos militares é reduzir também sua importância enquanto fenômeno cultural no Brasil, sua popularidade não se deu graças à ditadura, mas sim os militares conseguiram enxergar na popularidade do fenômeno esportivo a oportunidade

de traduzir seus anseios e seu discurso, alinhada a uma suposta visão vencedora do governo, chance que não foi vista por outros governantes como JK, João Goulart e Jânio Quadros, por exemplo.

Desse modo, dentro da análise proposta, o futebol não se insere enquanto ferramenta, mas sim como a metáfora ideal que traduz boa parte dos sentimentos vivenciados pelo Brasil no período, tomando esse recorte é possível explicar os anseios e contradições vivenciadas durante a ditadura, principalmente o embalo vivenciado a partir do crescimento econômico vigente no Brasil durante o período em contraste com as gritantes violações de direitos humanos vivenciadas durante o recorte temporal escolhido.

Porém, o material pesquisado não representa o total absoluto da relação entre o Estado Brasileiro e o futebol, durante o período, diversas outras pautas que envolvem dirigentes, interesses de clubes, a CBD e políticos brasileiros são aspectos que rondam a vivência do esporte durante a década, comprovando a relação quase que inseparável e constante do esporte de massas com a vida política do país.⁵³

6. Referências

AARÃO REIS FILHO, D. O governo Lula e a construção da memória do regime civil-militar. In: António Costa Pinto; Francisco Carlos Palomanes Martinho. (Org.). **O passado que não passa**. 1aed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, v. 1, p. 215-234.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGÊNCIA NACIONAL. **Cinejornal Informativo nº 152: Rei Pelé no Planalto (1969)**. Brasília: 11 Jan. 2023. Youtube: @arquivonacionalbrasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EtaV8P0lxQ&pp=ygUVcmVpIHBlbMOplG5vIHBsYW5hbHRv>. Acesso: 18 fev. 2024.

⁵³ Aníbal Chaim (2014) em “A bola e o chumbo” faz um panorama interessante sobre outras ligações do futebol com a vida política brasileira, como a influência de dirigentes, a administração de João Havelange na CBD e situações envolvendo a organização do Campeonato Brasileiro.

AGÊNCIA NACIONAL. **Cinejornal Informativo nº 119**: Visita da Rainha Elizabeth no Brasil (1968). Brasília: 11 set. 2018. Youtube: @arquivonacionalbrasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oMQVwHqvjgY & t=100s> . Acesso em 18 fev. 2024.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARNS, D. Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca mais**. São Paulo: Editora Vozes, 1985.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital**. Rio de Janeiro: BNDigital, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 26 mai. 2023.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A Bola e o Chumbo**: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Ditadura em tempos de milagre**: Comemorações, Orgulho e Consentimento. São Paulo: Editora FGV, 2015.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio**: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo: Revista USP, 1994.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FONSECA, Venilson Luciano Benigno. **Lugares e Territórios na cultura do futebol Brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOVERNO FEDERAL. **Ato institucional Nº 5, de 13 de Dezembro de 1968**. Brasília: 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: Copa do mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória: a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

SOUZA, Denaldo Archone de. **O Brasil entra em campo: Construções e Reconstruções de Identidade Nacional**. São Paulo: Annablume, 2008.

STEPAN, Alfred C. **Os militares: Da abertura à nova república**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.